LISBOA, 27 de fevereiro de 1913

# TERRA LIVRE

Semanario Anarquista

N.º 3—1.º ANO | Diretor: PINTO QUARTIM | Publica-se ás 5.as feiras | Editor: JAIME DE CASTRO | PREÇO 20 RS.

Propriedade do grupo editor da TERRA LIVRE

Redação e administração Rua das Gaveas, 55, 1.º

Comp. e imp. nas OFICINAS GRÁFICAS R. do Poço dos Negros, 81

## SINDICALISTAS E ANARQUISTAS

O artigo de Emilio Costa *Sindicalistas e Anarquistas*, publicado no nosso primeiro número provocou injustas e despropositadas susctiébilidades de militantes sindicalistas, publicamente traduzidas numa resposta do *Sindicalista*, em que o nosso amigo Manuel Ribeiro chega a afirmar que o referido artigo veio talvez fazer mais mal ao «sindicalismo» do que a conferência do sr. dr. Afonso Costa!

Ora o camarada Emilio Costa reconheceu a importancia enorme, fundamental, do sindicalismo de ação diréta, do movimento operario independente, da organização sindical autónoma. Releia-se o artigo, Apenas sustentou que não ha uma *doutrina* social nova, com o nome de «sindicalismo revolucionario», essencialmente diferente do socialismo e do anarquismo, sobretudo como finalidade. O sindicalismo «é apenas a sistematização de processos de luta, de uma orientação no ataque à sociedade capitalista.»

Os proprios métodos, a propria tática eram do anarquismo, a *essencia* do anarquismo, que é sobretudo um *método* de ação e de organização, e que sempre opôs à ação legal e parlamentar a organização federalista e independente e a ação diréta das massas.

Para responder, Manuel Ribeiro trata de dar uma definição toda sua do anarquismo, considerando-o unicamente sob o aspéto político, embora ele tenha nascido socialista, chamando-se apenas *socialistas* os primeiros *an-arquistas*, passando depois a ser designados pelo seu qualificativo politico por êste os distinguir, quanto ao método, dos restantes socialistas.

Para Manuel Ribeiro, pois, o anarquismo (abreviatura de socialismo anarquista) é só contra o governo, contra o Estado! E nisso se distingue do sindicalismo, que é contra o capitalismo. «O sindicalismo vem a ser o anarquismo do capitalismo» — anarquismo este aliás que sempre foi dos anarquistas e que, por sinal, dá pelo nome já velho de... socialismo.

O anarquismo, diz Manuel Ribeiro, é do tempo em que o Estado era tudo e tudo dominava; quando começa a predominar o capitalismo, vem então o sindicalismo... Engenhoso, não é verdade?

Para a validade deste argumento é pena: 1.º que o anarquismo tenha sido, desde o princípio, primeiramente contra o capitalismo, considerando o Estado como a sua espressão política e a sua garantia: 2.º que o sindicalismo revolucionário não tenha preferido nascer e desenvolver-se, por ezemplo, na Inglaterra e na Alemanha, onde a indústria é mais poderosa e desenvolvida, em vez de começar por países onde é mais fraco o capitalismo e onde são mais fortes as tradições revolucionárias e a esperiência democrática desenganadora, e onde — coincidência verdadeiramente diabólica — se tinha tambem desenvolvido mais o socialismo anarquista, desde a Internacional...

Uma opinião que muito nos surpreendeu em Manuel Ribeiro é que o anarquismo e o comunismo são antitéticos, formam um paradocso! Isto, só o tinhamos ouvido aos piores deturpadores, aos sectarios incompreensivos, entre os sociais democratas e os burguezes. Não o esperavamos dum amigo, que se diz dos nossos e que é um estudioso.

O anarquismo sempre o considerámos como a forma política necesssaria, o instrumento de realização, o método de organização do socialismo, no modo comunista ou outro. Sem o socialismo, dissémos nós sempre, não seria possivel a anarquia, a vida social sem govêrno, pois o priviléjio económico necessitaria um Estado, uma burocracia autoritaria qualquer que o garantisse; e sem a anarquia, sem a organização livre, por obra direta dos produtores, restabelecer-se-ia o priviléjio económico, base de apoio do poder político. Lonje de serem antitéticos, anarquismo e socialismo são *forma e essencia* da mesma sociedade, são *vaso e conteúdo*.

E de que especie é o comúnismo do camarada Manuel Ribeiro, se não é anarquista? E' autoritario?...

Manuel Ribeiro promete segundo artigo, no qual mostrará que a organização «sindicalista» da sociedade é diferente da organização anarquista. Só o pode ser no método — ou autoritorio, ou libertario. Se fôr obra diréta de todos e de cada um, sem delegação de poder, do individuo para o grupo; se for o «livre federalismo economico», seja qual for o agrupamento, seja qual for o modo de organizar a produção e o consumo, sindicalismo, cooperativismo, comunismo, colétivismo, a organização será anarquista; se a sociedade for organizada de cima para baixo, se houver uma jerarquia autoritaria, um poder que faça leis e as imponha pela violência fisica, a organização será autoritaria. Os anarquistas não apresentam um padrão, um modêlo unico de sociedade socialista; o anarquismo é essencialmente um *método*.

Os militantes dos sindicatos e os sindicados não teem motivos para suscétibilidades, nem os sindicatos, nesta discussão, teem que tomar partido por estes ou por aqueles.

Todos nós reconhecemos o valor da ação operária e da organização sindical. Todos nós reconhecemos e sempre proclamámos a importancia do *facto*, a eficacia educativa e criadora da «ação continua e sempre renovada das massas». Contra os socialistas democráticos, sempre defendemos a independencia dos sindicatos ante os partidos políticos e a organização dos salariados sobre o terreno economico para a luta contra os patrões e seus sustentáculos.

Mas há organização e ação sindicais, e há um «sindicalismo» doutrinal, de um grupo de «intelectuais» vindos do socialismo democrático, desconhecedores do anarquismo e da sua história. E' com este a nossa questão. Coisa nova ou coisa velha, essa doutrina não pode ser à doutrina *oficial* dos sindicatos, sem que estes passem a ser *grupos de ideias*, em vez de *grupos de interesses*, abandonando assim o verdadeiro sindicalismo. Os sindicatos agrupam operarios de varias opiniões políticas e sociais para uma ação de classe com os meios proprios da condição dos salariados e dos seus agrupamentos. As teorias várias são apreciações ou deduções, feitas pelas varias tendencias do socialismo, sobre o valor e o futuro da ação sindical.

Eis resumidamente a nossa opinião.

## Vaga revôlta

### Sinfonia d'abertura

Refujiara-me naquele canto isolado da alameda, tendo na minha frente um desenrolamento d'arvores, macissos e boscajens, tudo amalgamado em perspectivas fugidias, cujos cimos altos d'hastes tenras e pampanos erectos, se recortavam como um frizo delicado de catedral no azul translúcido daquêle meio dia d'inverno.

Oh, o encanto d'estes fins de fevereiro, já tépidos e mornos, em que se sente a impregnação tónica do sol, do ar e da luz, vivificando e fecundando enerjias surdas e dóceis, desenrejelando as raizes e desentorpecendo as idéas...

Adivinha-se nma vida nova que surje, na macieza lúbrica do ar, dos perfumes invisiveis que erram como borboleteantes timidos afagos, nas primeiras rosas que abrem esquivas e ridentes, todas recatadas em pudorosas graças de náiade, nos hezitantes trilos das aves onde acordam nostaljias dos ninhos e das maternidades; — notas esparsas, preludios vagos do grande côro sinfônico de luz, de côres; de perfumes, de canticos, d'azas, d'alacridades, de risos e d'amor que é essa primavera que nos está a bater á porta.

E' neste fecundo periodo de rejuvenescimento da vida e da criação que os poetas e os revolucionarios melhor sonham e criam. O mesmo impulso que tumesce os troncos e mecaniza as seivas, o mesmo tropismo que arrasta para a luz e para o alto, para a beleza e para o amor, azas e raizes, faz irromper das profundezas ignotas da individualidade, dedicações e amorabilidades, holocaustos e imolações, apostolados e messianismos, videncias de lutas e de batalhas homericas, toda uma rosa-de-ventos d'idéas soprando assoladoramente aos quatro canros da terra.

E eu que me refujiara naquele canto isolado da alameda para pensar esta crónica, sinto-me transfigurar na sujestão empolgante do meu sonho, vendo por detrás dos bosques as searas prenhes de pão e erguerem-se dentro d'elas, nos fundos claros da paizajem, as altas chaminés fumegantes das fábricas por cujos bronquios d'aço a materia passa rutilizada no contacto do trabalho e apropriada á vida, numa como que hematose vitalizante. E numa evocação lirica identifico á minha visão *Terra Livre* surjindo á entrada desta primavera, fecundada por corações novos, cheios de esperanças e de sonhos, como uma antecipação duma outra Primavera ansiosamente aguardada pelos povos, que surjirá um dia na bonançosa calma das tempestades sociais.

Vejo-a chegar, *Terra Livre*, bela e varonil, trazendo nos seus flancos as fecundas sementes da revolta e nos seus olhos a alvorada precursora duma Era nova. E' ela a *Terra Livre*, enfim, com o seu regaço aberto ás reivindicadoras sementeiras da verdade e do bem; é a *Terra Livre* emancipada dos senhores e arroteada d'erros, lavrada pelo aço ainda quente das batalhas, os sulcos talvez ainda regados do sangue dos inimigos, mas sangue purificado e rejenerado nas florescencias redentoras do Pão.

**Manuel Ribeiro.**

### AVISO

**A nossa administração acha-se aberta todos os dias das 19 ás 22 horas.**

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

# Factos e comentarios

## O nosso aparecimento

Deveras animador o acolhimento que o publico, os camaradas e a imprensa dispensaram ao nosso semanario.

Inumeras cartas de camaradas e amigos nossos se amontoam na nossa frente dirijindo-nos palavras de incitamento. Seria com prazer que publicariamos todas essas saudações afetuosas, não pelo que de elojioso possam ter para nós, mas pelo entusiasmo e amôr á Ideia de que elas veem repassadas. Mas como para isso seria necessario dispor de muito espaço, limitamo-nos a rejistar simplesmente o facto, com prazer e gratidão.

Os jornais operarios e anarquistas receberam-nos como um confrade que vem lutar pela mesma causa e que está disposto a partilhar dos mesmos triunfos e das mesmas perseguições, e a imprensa burgueza teve, ao rejistar o nosso aparecimento, palavras como estas:

«Apareceu hontem o primeiro numero d'este novo semanario anarquista do que é diretor o sr. Pinto Quartim.

Contem 8 pajinas e insere muita e interessante colaboração de conhecidos escritores.

Desejamos-lhe longa vida.» — Do *Diario de Noticias*.

Saiu hoje o primeiro numero d'este semanario anarquista dirijido por Pinto Quartim. Aspeto esplendido, inserindo bastos artigos doutrinarios, e magnificamente impresso, *Terra Livre*, que se publicará ás quintas feiras, é um semanario audaciosamente lançado ao publico, fazendo nós votos pelas suas prosperidades.

A redação é na rua das Gaveas, 55, 1.º.»—Das *Novidades*.

«Recebemos a *Terra Livre*, publicação semanal de um grupo de libertarios. Colaboração variada e de proveitosa leitura, sobretudo neste momento, em que as novas gerações afirmam com enerjia o seu proposito de reconstituir o passado e o seu espirito estrito e sectario.

As varias correntes mentais e morais que trabalham e ajitam a razão moderna vão-se definindo cada vez mais em proposições e métodos. Cada um toma a sua posição, cada um marca os seus pontos de vista. Não passarão muitos anos sem que as sociedades se hajam pronunciado por qualquer d'estas soluções—progressiva ou regressiva. Os que, como nós, necessitam documentar-se, a fim de bem conhecerem a marcha das ideias, rejistam com aprazimento a *Terra Livre*, que conta entre os seus colaboradores nomes que são uma garantia de sucesso. O pensamento anarquista tem tido uma ação preponderante na literatura, arte, ciencia, sociolojia e costumes, havendo, portanto, o maior interesse em seguir os seus desenvolvimentos como instrumento de critica e como a força organisadora e fecunda.» — D'*A Capital*.

«Saiu hoje efetivamente o primeiro numero da *Terra Livre*, semanario anarquista. O aspéto grafico é magnifico. Tem 8 pajinas, ótimo papel e um interessante desenho de Alfredo Candido. A colaboração é, como dissemos hontem, muito valiosa. O novo semanario, pela estremada correção como se apresenta, ha de certamente conquistar muitos leitores. Desejamos-lhe as maiores prosperidades. — D'*O Intransjiente*.

«Apareceu hontem o primeiro numero do semanario anarquista *Terra Livre*, que é dirijido pelo sr. Pinto Quartim. Apresenta-se bem redijido e com uma colaboração variada. — Da *Republica*.

## De manso...

Ha infelizmente no nosso campo quem pretenda ser sobismo adorar as questões de arte, e viver de espirito, tanto quanto menos, como dos sentidos. E é neste ponto que surje a guerra, melhor diremos, a desconfiança aos que não souberam livrar-se do epiteto de *intelectuais*.

Nem sombra de acrimonia neste comentário—Acreditem os sinceros na nossa sinceridade. Pensamos no entanto, que a verdadeira perfeição da tática que adotamos para a nossa emancipação, não está em nos inspirarmos apenas na solidariedade e no humanismo, mas tambem na educação.

Queremos nós dizer, que se fizermos consistir a estrema felicidade no nosso bem-estar material, sómente, e d'essa felicidade o unico objetivo da nossa ezistencia, muito nos arriscamos a tomar o inferior pelo superior, e a ilusão pela verdade.

Não será assim?

## Pela moral...

Lemos nas gazetas que Felix Riale, redator do *Italo-Americano* que se publica em Trewton New Jersey, foi perseguido por ter feito espedir um jornal que tinha artigos de doutrina favoravel ao amor livre.

Se não estamos em erro, é com os correios suissos que frequentemente se dão casos identicos com publicações maltusianas.

Oh os funcionarios pudibundos, os correios escrupulosos!

A réles pornografia e o torpe sensualismo que passem, porque não são êles que ofendem a moral e geram degradantes vicios..

Muito virtuosa a D. Hipocrisia!

## Liberdade, liberdade...

... Quem a tem chama lhe sua, diz a cantiga.

E' por isso que tanto choram por la, os que a não possuem. Em Portugal, então, a choradeira tem sido medonha, porque a Republica que prometera liberdades sem conto, ainda não se esplicou nem com uma amostrinha.

Que triste não podermos convencer esta gente de que a liberdade não rezide em nenhuma forma de governo, e antes está no coração do homem emancipado que consigo a conduz por toda a parte! ..

## Respeitosamente curvados

O ministro da justiça foi ao Porto fazer uma conferencia sobre a jurisprudencia dos tribunais como fator da evolução do Direito. E foi com o intuito, disse êle, de assinalar um processo de luta nos mais combativos elementos das mais avançadas fileiras sindicalistas.

Para o sr. ministro somos talvez nós estes elementos. Por isso aqui lhe agradecemos a notavel prova de consideração. E se s. ex.ª nos permite duas palavras... Para que esteve a incomodar-se? Já tinhamos lido a melhor parte daquilo... em frances.

## Anti-clericalismo

Admirado de ter sido aprovada no parlamento alemão uma proposta de revogação de lei contra os jesuitas, pergunta um camarada: — Então que faz lá grande numero do deputados socialistas, em que o povo operario delegou a defeza dos seus interesses? Não serão os socialistas alemães anti-clericais?

A corrente da democracia socialista de hoje, ou dos seus diriejntes em frente do catolicismo e demais profissões religiosas de hoje, não permite duvidas sobre o caso. Os socialistas deixaram de ser anti-clericais... até entre nós, onde o seu deputado combateu há tempo a propaganda anti-relijiosa de alguns seus correlijionarios em Guimarães e ainda agora declarou que um dos pontos em que diverjia do socialismo do sr. Afonso Costa, é a tatica anti-clerical deste. De modo que são de prever outras vitórias semelhantes dos jesuitas.

## Superhomens

Parece que o retificado Pimenta conseguiu comunicar ali á gazeta socialista o seu superior desdem pelos modestos ópusculos de propaganda. Pelo menos, um d'estes dias, lá vinha referencia a «*propagandistas de agua morna* que de problemas sociais só sabem o que leram em folhetos baratos.» Mas quais são as grandes obras que os notaveis socialistas luzos teem vulgarisado ou sequer compulsado?

## Gritando álerta

Um dos propagandistas da defeza nacional, o major Sá Cardoso, falando o outro dia na Sociedade Promotora de Educação Popular, esprimio-se com este arreganho:

«O outro inimigo, a Espanha, seguindo a tradição, continúa a ser-nos desagradavel. Mas para esse bastamos nós sós, contanto que a isso nos resolvamos.»

Não comentamos, que o delegado procurador da republica, depois da circular do ministro da justiça, está ali em baixo, com cada olho, que parece um repolho!

# Um inquérito

Com o titulo «Sindicalistas e Anarquistas» publicou, no nosso primeiro numero, um artigo, o nosso camarada Emilio Costa em que serenamente se procurava fazer a distinção entre o sindicalismo e o anarquismo.

Com ele, o seu autor tinha em vista anular atritos sem fundamento que ha muito ezistem, desfazer confusionismos, assentar em conclusões tiradas de premissas postas com honestidade intelectual, do estudo sereno dos factos e das ideias.

Mereceu este artigo uma resposta combativa do nosso amigo Manuel Ribeiro nas colunas de *O Sindicalista*, como se tivesse havido da parte do colaborador de *Terra Livre* qualquer intenção reservada, qualquer desejo de ferir suscétibilidades, como se ele não tivesse sido unicamente norteado pelo desejo de esclarecer os espiritos e de desfazer malentendidos. A esse artigo de Manuel Ribeiro já hoje respondemos serenamente em fundo, e em face do interesse e importancia do assunto, lembramo-nos de arquivar no nosso jornal a opinião que os militantes do anarquismo, sindicados ou não, teem sobre ele.

A alguns camaradas nos dirijiremos, pois, pedindo-lhes que nos esprimam francamante o seu modo de pensar.

Sindicalistas e anarquistas estamos todos *na linha de fogo* contra o inimigo comum que é a sociedade capitalista e estatista em que vivemos. Em vez de atirarmos uns sobre os outros sem motivo, sem razão nenhuma, guardemos todas as enerjias contra esse inimigo comum. E para que a nossa ação seja mais combinada, mas concorde e mais proficua, para que dela nos venham melhores e mais rapidos resultados, é necessario que nós, os que estamos *na linha de fogo*, lonje de agravarmos questões deturpando intenções e doutrinas, procuremos esclarece-las o mais que for possivel.

E' por isso que resolvemos colher sobre a questão depoimentos dos nossos camaradas; é por isso que abrimos este inquerito do qual nada, absolutamente nada, receamos. Esta discussão de ideias, feita com franqueza, não trará mal nenhum ao anarquismo nem ao movimento sindicalista. Pelo contrario: só contribuirá para desfazer mal-entendidos e para, desfeitos eles, nos lançar, mais unidos, na luta que sustentamos *na linha de fogo*.

# Grupos de interesse e grupos de ideias

O jornal *Les Temps Nouveaux* (n.º 37, ano 18º) publicou os discursos proferidos em Paris a proposito do aniversario de Kropòtkine. Damos abaixo, por esprimir ideias conformes às nossas, um trecho do de Cornèlissen, conhecido autor de valiosas obras de propaganda e de economia, redator do «Boletim Internacional Sindicalista». Já no congresso anarquista de Amsterdam, Cornèlissen sustentou, juntamente com Malatesta, a mesma doutrina.

Ah! nada tenho que dizer contra essa luta necessária que as massas operárias devem sustentar em todos os países para manter e melhorar a sua situação económica. Quero aqui falar com toda a franqueza. Fundei pessoalmente um bom número de sindicatos operários e há um quarto de século que contribuo, aqui e ali, para a organização operária. Aceito igualmente de bom grado a necessidade da àção nas cooperativas; e desde que são criados, por toda a parte nestes ultimos anos, os *cartels* e os *trusts* dos capitalistas, a par das organizações operárias, estou mesmo convencido de que as diversas soluções do que se chama o problema social — e com certeza, camaradas, haverà mais do que uma solução única, haverá pelo menos meia dúzia — de que essas soluções, digo, hão de ser todas fortemente impregnadas, no futuro, da àção dos consumidores contra os produtores.

A sociedade ha de ser sempre um mosaico das mais dissemelhantes condições de vida, e igualmente dissemelhantes, igualmente «mosaico» de natureza, serão os nossos meios de luta para emancipação das massas.

Bem o sei, e aceito sem custo, como sendo as mais essenciais, todas as formas de luta material.

Mas o que eu queria dizer camaradas, é que seria apesar de tudo lamentável que o nosso movimento operário revolucionario não fôsse, dentro em pouco, mais do que uma luta por mais alguns vintêns de salário por dia, ou pelo pão mais bem cosido na padaria cooperativa, ou pelo saco de carvão alguns réis mais barato!

E se por trás da nossa luta de cada dia não persistir o nosso grande ideal revolucionário, comunista e libertário; se por trás dos *agrupamentos de interesse* qne somos forçados a fundar e a manter por toda a parte, não se conservarem por toda a parte *agrupamentos de ideias*, então, digo... o nosso movimento está perdido!

Pereceria no oportunismo e pereceria tanto mais depressa quanto mais êzito tivessem os sindicatos operários e as cooperativas, conseguindo transformar pouco a pouco o operário proletário dos nossos dias num operário privilejiado.

Certamente, podemos entender-nos! Vós conheceis todas as pessoas que lutam em volta de vós, e nas primei-

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

ras fileiras, nos sindicatos e nas cooperativas, e que, no fundo, apesar de tudo, hão de ser idealistas toda a sua vida. E por outro lado: Kropótkine, o idealista, não chamou ao seu livro mais conhecido de nós todos: *A Conquista do Pão?*

Mas o importante, então, é que nos entendamos!

E por trás dos nossos agrupamentos de interesses, dos sindicatos, das cooperativas, das ligas de inquilinos, fundemos por toda a parte centros de estudos, cursos para a mocidade, juventudes sindicalistas,—façamos por toda a parte a educação das massas, a sua educação cientifica, literária e artistica.

Nestes ultimos tempos, temos desprezado um pouco os agrupamentos que cultivam o Ideal e dos quais desdenhosamente se disse que fáziam filosofia pura. Desforremo nos um pouco para que não seque o nosso movimento!

# Revista dos jornais

### A espansão reacionaria

*A Voz do Operário*, de domingo, 16, chama a «atenção das autoridades competentes» — nós chamariamos antes a do operariado — para um coio clerical ezistente no Campo de Santa Clara, esquina da rua da Verónica. E, se não forem tomadas medidas rapidas, promete manter campanha rija e forte e ir até onde fôr preciso, porque «a escola de Santa Clara, instalada em terreno do patriarcado, é não só uma escola reacionaria, como ainda uma organização monarquica. Pelo ensino da relijião, das orações, perverte-se o espirito das crianças; mas, ao mesmo tempo, faz-se o elojio do rejime deposto, levantam-se vivas a D. Manoel e a D. Amelia, intercalam-se, nos proprios brinquedos, frazes elojiosas para os chefes do antigo rejime. Não nos vieram aqui dizer estes factos. Vimo-los, assistimos a eles. E, como nós, teem assistido muitos moradores das imediações.»

### Socialismo imperialista

Da *Luta*, em 23 deste mez:

«O *Temps* refere-se largamente ao livro de um socialista alemão Hildebrand, que defende a espansão do imperio e aceita que a França, a Holanda, a Beljica e Portugal sejam espoliados das suas colonias. E' certo que Hildebrand foi, por ter publicado esse livro, escluido do partido no Congresso de Chemnitz; mas tambem é verdade que só foi escluido por uma insignificante maioria de votos, pois muitos socialistas não concordaram com a espulsão.

Não quer o *Temps* que os socialistas francezes se iludam sobre a atitude dos seus camaradas alemães em caso de guerra.

Tem razão. Os socialistas alemães marchariam para a fronteira como quaisquer outros soldados do *kaiser*.»

Não lemos o *Temps*. Mas acabamos de passar os olhos pelas primeiras pajinas de um estudo de Charles Andler, professor da Sorbona, sobre a obra de Gerbrard Hildebrand, homem de «imenso talento, verdadeiro continuador de Frederico List», diz êle: E como quer que a decisão de Chemnitz tenha sido rejeitada pela direita do partido, pelo *revisionismo* em peso, julgamos oportuno perguntar aos socialistas portuguêses, se êles, que não teem feito reparo ao colonialismo de Vandervelde e outros, estão de acordo com as ideias de *partilha «socialista» do dominio colonial*, de que falam os seus correlijionarios alemães; se êles teem tambem a corajem de fazer passar por socialismo as brutalidades da tontomania aristocratica e burgueza, que viceja sob o cetro de Guilherme.

A titulo de informação transcrevemos do estudo de Andler o transunto das ideias de Hildbrand aplicadas a Portugal:

«Seria uma loucura deixar a Portugal colonias que ha seculos êle se mostra incapaz de fazer prosperar. A Alemanha deve assumir uma especie de precetorado das nações atrazadas, e virtuosamente assegurará a prosperidade das provincias de Angola ou Moçambique anecsando-as. Para amansar a Inglaterra, tutora secular de Portugal, atira-se-lhe uma parte do bolo. Sem duvida, ha que indemnisar a Republica Portugueza. Mas se ela recusar por dignidade? Será a guerra; e Portugal ficará sem colonias e sem indmenisação... Hildebrand não acha «socialista» que o pequeno Portugal tenha grandes colonias. Dos titulos historicos não cura. Tem o desplante de dizer que taes titulos são provisorios e podem ser invalidados em qualquer ocasião, quando um povo tão prolifico, tão virtuosamente ativo como a Alemanha, tem necessidade do dominio dos mais fracos ou dos mais atrasados, para fazer valer as «forças produtivas.»

Em verdade, *mesmo sob o ponto de vista socialista, o sequestro dos dominios coloniais tornou-se uma necessidade atual para a Alemanha, assim como para os outros Estados industriais da Europa Ocidental?*

### O imposto

«Pomos diante dos olhos do sr. Afonso Costa, estas palavras de uma criatura que não é... Afonso Costa, mas é Jean Cruet: «Há um contribuinte legal que vem trazer ao *guichet* do recebedor a soma do imposto. Mas de modo algum é certo que este contribuinte oficial, diretamente ferido pela lei, não tenha encontrado o meio de fazer passar discretamente para outros ombros, parcial ou totalmente, o fardo do imposto» *(La vie du Droit, 277)*. A lei da contribuição predial só afeta os proprietarios e certos proprietarios? Só afeta esses, na cabeça do sr. Afonso Costa. Complecsa e interdependente como é a vida economica dos povos e dos individuos, solidarios como são os interesses, todos sofrem as consequencías de um gravame arbitrario de impostos.»

Assim diz o evolucionista sr. Alfredo Pimenta, na *Republica* do dia 20. E o caso é que estamos de acordo.

### Patadas

... é esta a boa doutrina e o resto seria fazer anarquismo e até do peor anarquismo, porque seria anarquismo maluco, como esse que para aí prepondera. — *O Trabalho*, de Setubal, (16 de fevereiro de 1913).

### Barril do lixo

«Toda e qualquer agremiação, politica, relijiosa, militar, precisa de uma condição superior a todas as condições: a disciplina, a obediencia firme á hierarquia. — Alfredo Pimenta—*Republica*, (17 de fevereiro de 1913).

● Hoje o Estado tornou-se um poder secante: ei-lo perseguindo-nos por toda a parte para nos impedir de fazer o que quizermos; marchar, pensar, falar, viver; ei-lo lejislando para todos os átos da nossa vida, com tal montanha de leis, que toda a ação coordenante se perde: ei-lo creando nuvens de empregados inuteis, burocracia, ezercito, escessos de policia, escesso de majistratura, praga roedora que absorve tudo, devora tudo.

De que serve ela, a espalhafatosa maquina que se chama o Estado? Organizada para evitar a esploração do operario pelo capitalista, do agricultor pelo rendeiro, do pretendente pelo burocrata poderoso, para assegurar o trabalho e defender a usura, é ela, ao contrario, quem proteje a cada instante essas escravaturas implacaveis. — *Fialho d'Almeida.*

# GEÓRJICAS

—

### Ao trabalhador rural

II

Tu que vives, com os teus, da tua magra soldada, nas condições de que te falei e que bem melhor do que eu conheces, compara a tua situação com a do lavrador teu amo, com a do proprietário das terras que cultivas, dos instrumentos que manejas, das máquinas e carros que conduzes.

Essa criatura, que, sendo dona de tudo isso, é senhora de ti próprio, dos teus braços, do teu trabalho, do teu tempo, do fruto da tua fadiga, que faz de ti enfim seu escravo — pois escravo é aquele que trabalha por conta alheia — essa criatura pode, se quiser, viver cómoda e regaladamente na cidade e ir ao campo únicamente para se divertir ou para te ver trabalhar...

E porquê? Qual a razão de tal desigualdade?

Foi êsse amo, êsse senhor, êsse proprietário quem fez as terras ou é êle quem as trabalha? Foi êle quem cortou as madeiras, extraíu, fundiu e forjou o ferro dos arados e das máquinas? Ou não são as terras e as coisas que nelas ezistem naturalmente propriedade de todos os seres humanos, e não são os instrumentos de trabalho, como as alfaias agrícolas, como todas as obras humanas, fruto do labor de milhares e milhares de trabalhadores, cuja parte não se pode destrinçar?

Teu amo dirá que herdou os bens de que dispõe. Mas com que direito os herdou? E como é que os seus antepassados os adquiriram?

— Pela violência, pela estorsão, pela fraude, pelo roubo astucioso ou à mão armada, responde a história dos tempos passados e a dos tempos presentes. Não sabes como os pobres *moagires*, teus irmãos da Turquia, que amanhavam terras ainda sem dono «legal», estão sendo agora espoliados e escorraçados pelos vizinhos, muitas vezes turcos tambêm, que aproveitam bem a guerra?...

— Pelo trabalho, dirá teu amo.

Mas pelo trabalho, só raramente e a muito custo pode uma pessoa juntar um pé de meia, que depressa se consome, se essa pessoa deixa de trabalhar. E o pecúlio é tanto mais custoso de juntar quanto mais rude, brutal e necessário é o trabalho: assim o funcionário superior, o feitor, ou o guarda-livros de banco, além de viver melhor, pode entesoirar mais depressa do que tu, que moirejas, do nascer ao pôr do sol. Como é que o trabalho há-de enriquecer, se quanto mais *trabalho* ele é, mais pobre faz o trabalhador útil?

E' só quando se põe a juros, a render, o pé de meia, que pode vir a riqueza. E esta riqueza vem tanto mais depressa, quanto maior é o pé de meia, ou por outra, o capital, quanto mais farto é o rendimento, quanto mais abundante é o suor alheio que o dono do capital recolhe, quanto mais escravos labutam por conta dele. Porque os juros, as rendas, não são mais do que o suor dos outros. E é muito mais fácil a um rico dobrar e tresdobrar a sua riqueza, engordar e prosperar com a magreza e empobrecimento dos trabalhadores mal pagos, do que a um trabalhador útil fazer-se remediado.

Finalmente, como é que as terras, granjas e alfaias estão em poder dos proprietários, que andam à boa vida, e não nas tuas mãos e nas dos teus iguais, filhos, netos e descendentes de gerações que sempre trabalharam, durante séculos e séculos?

Teu amo (ou o filho doutor) dirá ainda que foi a inteligencia que conferiu aos seus avós e a êle a propriedade e o govêrno das coisas.

Mas teu amo, quando é só amo, só proprietário, e nada mais, pode até viver longe das suas terras, numa rica capital, sem saber patavina de lavoira, confiando no tino administrativo e no saber dum conhecedor, dum agrónomo. Ora este agrónomo, como tal, é um trabalhador como outro qualquer, não é mais preciso do que os outros e não tem mais direitos do que êles aos frutos do trabalho de todos. Se não podes viver sem agrónomos, sem amos podes muito bem passar.

Teu amo, só como amo, alêm de escusado, alêm de viver do suor alheio, é daninho para os pobres: tem interesse em haver fartura de gente sem trabalho, para que baixem os jornais e as soldadas; ganha com a carestia; impede que se produzam as coisas com abundância.

E depois, se tudo fôsse de todos e a todos fôsse dado o necessário, como a teu amo, não teriam todos, como teu amo, meios de se instruir, de adquirir capacidades e conhecimentos, de trabalhar bem e conhecer o seu trabalho?

O que teu amo foje de te dar como orijem e razão do seu «direito de propriedade» é a fôrça, a violência. Poderia abrir-te os olhos, abrir os olhos aos teus iguais — que são quem lhe fornece essa fôrça — e estava o caldo entornado. Poderias lembrar-te de viver sem amos, e de trabalhar para isso — e seria o fim do mundo... para êles. Queres ouvir como?

**Neno Vasco.**

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

UMA CAMPANHA JUSTA

# Em favor dos presos por questões sociais

## A Republica e os operarios

**Continuam entre ferros... «d'el-rei» 113 operarios**
**— A campanha alastra**
**Alvitra-se a realização de comicios de protesto em todo o pais, num mesmo dia — Os nomes dos presos**
**Como a imprensa estranjeira comenta o caso**

Apezar da campanha feita nos jornais afetos á causa operaria, ninguem de cima resolveu mecher-se, prestar-nos atenção. E tudo isto, este silencio imenso, esta inercia da *justiça* nos radica mais no espirito a ideia de que é absolutamente necessario entrar num periodo de ajitação, de que é indispensavel levar para a rua os nossos protestos, gritar bem alto, mostrar bem claramente a nossa indignação por tanta infamia cometida.

E' necessario fazer grandes comicios, manifestações nas ruas. Só assim, chamando as atenções da grande massa inerte, interessando-a, fazendo-lhe ver as violencias de toda a ordem ezercidas pela autoridade e o sono *da justiça* — sono consentido pelos governantes e consentido com gaudio — poderemos alcançar o que desejamos.

E' necessario que a campanha saia á rua! Emquanto ela fôr feita apenas nos nossos jorauais, abranje pouca gente e não preocupará nem fará fazer o menor gesto ao socialista Costa que preside ao ministerio. Emquanto o operariado assim fizer e assim fizermos todos, os 113 presos por questões sociais — pois são 113 e não 110 — continuarão esquecidos, mezes seguidos, nos presidios desta... preciosa republica. O socialista Costa dirá com os seus botões que não o encomodamos nada, que nada se importa com os nossos artigos de jornal.

E', pois, necessario que a campanha saia á rua!

Organisemos grandes manifestações; e que os nossos gritos sejam: **Amnistia para os presos por questões sociais! Amnistia imediata! Imediata liberdade para os nossos camaradas! Imediata liberdade!**

Átos, átos é que são necesarios. E' esta a nossa opinião — já espendida no numero anterior do nosso semanario — e é acudindo ao nosso alvitre que o camarada José Augusto Ferreira nos escreve, de Vidago, nestes termos:

*«Caros camaradas:*

Sobre o alvitre por vós apresentado no numero 2 de *Terra Livre*, para que o movimento de protesto se torne mais enerjico e decisivo e nos dê a liberdade dos camaradas presos por questões sociais, entendo dizer que, entre outros átos, se pode e deve levar á pratica o seguinte: iniciar uma grande propaganda para que num mesmo e determinado dia se realizem, á mesma hora, em todas as cidades e vilas e quaesquer outras localidades onde haja camaradas que os possam promover, grandes comicios de protesto contra as infames prepotencias ezercidas sobre esses nossos camaradas pelas autoridades da republica. Isto daria, certamente, um grande éco não só em Portugal como alem fronteiras.»

«Caso aceitem este alvitre, eu subscreverei com 2.500 réis para ajuda das despezas a fazer com o mesmo movimento.»

Achamos aceitavel e ezequivel este plano e era isto mesmo que nós tinhamos em vista quando começámos com a campanha. Que o operariado organisado tome a peito a questão e se movimente rapidamente, e que todos os outros camaradas auciliem, com todo o entusiasmo e toda a decisão, a admiravel tarefa que nos trará a vitória!

*

De *O Sindicalista* de domingo passado estraímos o seguinte:

«Para que todos fiquem sabendo que não ezagerámos o numero dos camaradas que ha tanto tempo jazem nas cadeias, publicamos hoje os seus nomes, que obtivemos por intermedio da Federação Nacional dos Trabalhadores Rurais e da Comissão Ezecutiva do Congresso Sindicalista.

Ei-los.

Prezos na cadeia do Limoeiro: — José Negrão Buizel e Manuel de Azevedo.

De Coruche, prezos tambem no Limoeiro: — Antonio J. de Matos, Antonio Mateus Junior, Antonio Padeias, João Neves, Antonio Neves, Joaquim Simões, Domingos Godinho, João Barboza, Francisco Gabriel, Manuel da Costa Barbas, Miguel da Silva Falcão, Joaquim Gomes Rapozo, José Fitas, João Arroteira, Francisco Padeia, Manuel Espalhalamas, João Espalhalamas, Julio Sapateiro, Manuel Sapateiro, João Rodrigues Sapateiro, Miguel Rodrigues Sapateiro, Gabriel da Justa, Gabriel Rochadas, José Pelonia, Manuel Almeirim, Manuel Grazina Sardanica, José Baeta, Antonio Barbas, Antonio Carvalho e um outro que foi prezo mais tarde.

Total: 30 prezos.

De Amareleja, prezos na cadeia de Moura: — Joaquim Galinha, Manoel Ferreira Jeronimo, José Ventura, Antonio Caixeiro Lourinho, Antonio Perico, Alexandre Samarro, José Miguel Fialho, Antonio Fialho Lourinho, Manuel Fialho Lourinho, Francisco Marchante, Antonio Prazeres Canazita, Joaquim Prazeres Canazita, José Limas Petronilo, Miguel Charroco, Domingos C. Nabo, Antonio André Banha, Diogo Gaudencio, Antonio Carrapato Samarro, José Rita Raleiro, Jacinto Milhano, Manuel Carrapato Moreno, Manuel Braz Delovino, Manuel Carreteiro, Manuel Peixeiro, Antonio Chirou, Inácio Januario Baião.

Total: 26 prezos.

NOTA. — Estes são os camaradas que ha já mais de quatro mezes se encontram encarcerados, por pretenderem matar a fome com um fruto que geralmente se dá ao porcos: — bolota.

Da Moita, prezos na cadeia de Aldegalega: — Antonio Pedro Sapateiro, Manuel Gomes Cazaca, Antonio Pedro Mecha, José Ribeiro Chulo, João Gonçalves Fulgencio, Antonio Miranda Garrano, Heitor da Silva, Antonio Ribeiro Dias, Manuel Ribeiro Dias, Luiz Eleuterio, João Ferreira dos Santos, João Tormenta Bailão, Antonio Gonçalves Tormenta, André Marques Valente, Inácio José, Firmino Sequeira, José Gomes Portinho, Francisco Pedro Marques, Guilherme Eleuterio Domingos, Augusto Gil de Mattos.

Total: 20 prezos.

NOTA. — Estão prezos, sem julgamento, ha 13 mezes, ainda por motivo da greve geral de janeiro de 1912.

De Barbacena, prezos na respétiva cadeia: — Antonio Epifanio Cezar, Tomaz João Pires, Euzebio Francisco do Carmo Rozado, Antonio Joaquim Borrego, Francisco Moreira, Bazilio Aquilino da Silva, Belchior Antonio Borrego, João Guerra, David Rodrigues Vergas, Antonio João Fabião, Antonio Francisco Nero, Joaquim Antonio Borrego, José Raimundo Silva, Antonio Joaquim Pernas, Joaquim Antonio Felix, Francisco Antonio Fanico, Antonio Joaquim Froes, Josè Antonio Caldeira, Alexandre Calção Rozado, Francisco José Ralhas, José Joaquim Pernas, João Antonio Nota, Francisco Mendes Bolinhas, Manuel Antonio Caldeirinha, Francisco José Tiago.

Total: 25 prezos.

NOTA. — Prezos ha vinte mezes pela questão dos baldios. O julgamento está-se realizando neste momento, depois de ter sido adiado por tres vezes!

Alem destes ha ainda os 10 camaradas de Portimão, cujos nomes esperamos publicar no procimo numero e que são acuzados de terem assaltado e arrombado a cadeia daquela vila para darem a liberdade a Buizel.»

*

Este despotismo da jovem Republica Portugueza em conservar nos seus carceres ha mais de seis mezes, sem julgamento 113 operarios por questões sociais, é já do conhecimento da imprensa estranjeira que em torno d'ele borda comentarios bem pouco honrosos para o novo rejimem. Assim, por ezemplo, temos na nossa frente, *Tierra y Libertad*, de Barcelona, que, sob a epigrafe *Belezas da Republica* diz sobre o caso o seguinte:

«Para os injenuos operarios que ainda pensam no estabelecimento duma republica burgueza em Espanha, não será demais demonstrar-lhes como a jovem republica portugueza, que nem pelo facto de ser jovem é pouco prostituta, trata os que ha tres anos deram o seu sangue e vida em holocausto á liberdade e mais tarde foram enganados pelos politicos.

Depois das injustiças que o governo portuguez e republicano cometeu durante a greve dos eletricos em Lisboa e mais tarde quando da greve geral que se fez estensiva a muitas terras do reino visinho, iniciou-se uma epoca de terror que deu em resultado o encarceramento de centenas de operarios, muitos deles encerrados nos navios de guerra por serem insuficientes as prisões para tão honrados delincuentes.

Na atualidade o numero de presos por questões sociaes escede 150 e tendo em conta a escassa população de Portugal, quasi pode dizer-se que ultrapassa a Espanha em *democracia*.

Não é verdade que uma *liberdade assim* não merece nem uma só vida proletaria sacrificada para a sua implantação ou defesa?»

# Crónica internacional

### SUIÇA

Nos dias 1 e 2 do corrente realisou-se em Lausanne o congresso semestral da Federação das Uniões Operárias da Suiça romanda.

Ezaminada a situação material e moral da Federação, da sua tipografia e do seu jornal, decidiu-se manter a linha de conduta deste, a sua orientação federalista e revolucionária.

O debate sobre a situação geral do movimento operário suiço terminou com a seguinte conclusão:

«Prosseguiremos na nossa obra de penetração nos sindicatos, multiplicaremos o número das conferências; ajitando sempre ideias, tiraremos o mais possivel dos movimentos atuais no sentido do nosso objetivo.»

### ESPANHA

Por Espanha os reacionarios de sotaina estão danados: ameaçam perturbar santamente acacete um congresso pedagojico que se pretende efetuar: e tão valentes se mostram que o governo pediu amavelmente aos seus promotores, que o adiassem até que ele... tenha preparados os meios de lhes garantir a péle — E que meios serão esses? Têmos curiosidade em conhece-los. Provavelmente fez encomenda dalguns canhões especiais. Se se tratasse de oprimir operarios, tinha-os de sobra.

### JAPÃO

No Japão tambem as coisas caminham algo tumultuosamente. Os ambiciosos do poder e da *massa*, quando a satisfação das suas ambições se retarda toca de borduada, sempre por amor ao povo e para gloria da patria.

Talqualmente, na antiguidade se enforcava, queimava para gloria de Deus e... proveito dos santarrões da relijião.

### TURQUIA

No oriente a luta feroz, encarniçada, entre turcos e aliados, dá-nos o espetaculo selvajem que contrasta com a pretendida civilização, e as potencias, quais aves de rapina, finjindo querer a paz, na espetativa do momento opurtuno para dividir a presa apetecida e cobiçada em nome... da tranquilidade da Europa... Bandidos de farda ou de casaca, conluiados numa *entente* de salteadores, lançais os povos em guerras fraticidas para enrequecer com os despojos do vencedor os judeus de finanças, mas embora tarde o povo, vosso instrumento de esploração, ha de acordar, não para vingar as vossas maldades e as de todas as gerações passadas, mas para nivelar os homens nos seus direitos e nos seus deveres.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

## CONTOS E VERSOS

# O PRIMEIRO GREVISTA

**De Han Ryner.**

Era uma vez um pobre tecelão e sua mulher, que mal podiam sustentar tres filhos que tinham. Dois destes não saíam fóra do comum. O mais velho, porém, de nome Jorje, era o mais alto e o mais forte dos rapazes da sua idade, tinha por costume reflètir sobre as coisas e depois dizia: «isso é justo» ou «isso é injusto». E tendo dito «isso é justo» só se o matassem o impediriam de o fazer, assim como tambem se dissesse «isso é injusto» preferia deixar-se matar a fazê-lo. Mas as questões de justiça são quasi sempre complicadas, de maneira que a Jorje, como a toda a gente, acontecia enganar-se.

Um dia, á mesa, depois de o pai e a mãe se terem servido, Jorje pegou na travessa e disse:

— Hoje reparei bem e não me engano. Eu, só, fiz ezatamente tanto trabalho como meus irmãos. E', pois, justo que eu, só, coma tanto como eles ambos.

E ao acabar de pronunciar estas palavras sobre a justiça, deitou no prato metade do que estava na travessa.

Mas o pai perguntou-lhe:

— Quando tinhas dois anos, que trabalho fazias tu?

— Nenhum, replicou Jorje; eu era muito pequeno.

— Se, como é justo, eu não te tivesse dado de comer antes de ganhares para teu sustento, julgas que terias podido viver?

Jorje não respondeu e fez-se muito vermelho. Tornou a pôr na travessa o que deitára no prato, dividiu a comida em trez partes iguais, serviu os irmãos e esteve um bom bocado sem comer. Por fim, observou:

— Talvez que a justiça nada tenha que vêr com a família.

E ainda desta vez não começou a comer, preso como estava a reflètir sobre coisas muito complicadas. Depois de ter refletido bastante, voltou-se para a mãe e disse-lhe:

— Se tu me beijasses algumas vezes, como quando eu era pequeno, eu não pensaria tanto no que é justo.

A mãe respondeu:

— E' que quasi nem tenho tempo para isso, meu Jorje.

Desta vez Jorje não precisou de refletir. Atalhou imediatamente:

— Olha, mãe, o que dá corajem, não faz perder o tempo: faz ganhá-lo.

E a mãe então beijou-o muito.

*

Quando fez quinze anos, como os quinhões de pão e comida, em casa, fossem bem pequenos, Jorje abraçou o pai, a mãe e os irmãos e partiu, para que os quinhões dos que ficavam fossem maiores. Con-

**LEI PATRONAL — O preço do carvão aumenta, logo o salario do mineiro tem de ser reduzido**

franjia-se-lhe o coração, mas como sabia que fazia bem, não chorou.

Foi para o serviço de um lavrador das procimidades dolugar. Prometêra a si próprio trabalhar bastante, para agra dar ao amo. Mas logo no primeiro dia viu que o amo era um homem mau e avaro, e então mudou de ideias.

Na manhã seguinte ordenou o lavrador a Jorje:

— Anda comigo. Vamos lavrar.

Foram, cada um com sua junta de bois e seu arado, mas sem levarem nada de comêr. Jorje pensou:

«Quando o meu amo me conhecer e tiver confiança em mim, dir-lhe-ei que ir comer a casa pelo dia adiante, faz perder muito tempo. Mas hoje nada lhe direi: não se devem dizer estas coisas aos que ainda nos não apreciam.»

Poz-se a trabalhar com ardôr, para que o amo tivesse bem depressa confiança nele, e como era muito forte fazia tres vezes mais trabalho do que o amo. Quando chegou a hora de comer, tinha um grande apetite, porque tinha trabalhado muito.

Propôz-lhe o amo:

— Eh! rapaz, e se nós fizessemos que jantamos?

Jorje não ficou satisfeito com isto, mas disse:

— Como fôr da sua vontade.

Sentaram-se á sombra como para jantar. O lavrador tirou uma navalha da aljibeira e pôz-se a arranjar as unhas ao mesmo tempo que conversava como quando se está a comer. Jorje não dizia nada, e refletia. Depois de terem empregado o tempo do jantar a fazerem que jantavam, voltaram ao trabalho.

Mas Jorje, em vez de abrir com o arado um novo rego, passou sobre o ultimo aberto de manhã, e quando chegou á estrema da leira, voltou para o penultimo.

A princípio o lavrador nada disse; quando, porem, aquela manobra se repetiu tres ou quatro vezes, perguntou num berro:

— Eh! rapaz, que é que andas a fazer?

— Que hà-de ser? Quem faz que janta, faz que trabalha.

Bastante vontade teve o lavrador de lhe dar uma bofetada na cara, ou um pontapé noutro sitio, mas Jorje era muito forte, e não tinha na ocasião um ar muito agradavel. O lavrador preferiu calar-se. E até á noite o rapaz continuou a passar o arado pelos sulcos já cavados, fazendo que trabalhava.

No dia seguinte de manhã, o lavradôr disse á mulher:

— Dá qualquer coisa de comer e de beber ao criado.

E disse ao criado:

— Jorje, tens que ir empar a vinha.

A caminho da vinha, Jorje viu o que a patrôa lhe tinha dado para comer e beber, e abanou a cabeça como quem não está satisfeito. Depois, quando chegou ao seu destino, pôz-se a falar sózinho, mas fazendo duas vozes diferentes, como se conversasse com a vinha e a vinha lhe respondesse:

— Vinha, que queres que eu faça?

— Jorje, que tens na cabaça?

— Agua-pé desenxabida.

— E a respeito de comida?

— Pão de centeio, no alforje.

— Pois deita-te a dormir, Jorje.

A' noite, quando voltou a casa, perguntou-lhe o amo:

— Empaste muito, rapaz?

— Bastante, sim senhôr. Fiquei na cepa torta.

No dia seguinte, tornou para a vinha:

— Vinha, que queres que eu faça?

— Jorje, que tens na cabaça?

— Agua-pé desenxabida.

— E a respeito de comida?

— Pão de centeio, no alforje.

— Pois deita-te a dormir, Jorje.

A' noite, perguntou-lhe o amo:

— Empaste hoje muito, rapaz?

— Tanto como ontem; fiquei na cepa torta.

O lavrador não disse nada, mas no dia seguinte, partiu para a vinha antes do criado, e viu que o trabalho nem começado estava.

Escondeu-se atrás da sebe, e quando chegou o criado, ouviu-o falar sózinho, mas fazendo duas vozes diferentes, como se falasse com a vinha e a vinha lhe respondesse:

— Vinha, que queres que eu faça?

— Jorje, que tens na cabaça?

— Agua-pé desenxabida,

— E a respeito de comida?

— Pão de centeio, no alforje.

— Pois deita-te a dormir, Jorje.

E viu que o criado se deitava em vez de trabalhar.

A' noite, o amo não disse nada, mas, ao deitar-se, recomendou á mulher:

— Amanhã tens que dar ao criado bom pão e bom vinho...

No dia seguinte de manhã, depois da patrôa lhe ter dado

# Á CANALHA

*Infima escoria humana, ó raça impertinente,*
*Que pelo mundo andas gemendo quasi nua:*
*E' estranha a tua alma, nessa dôr fremente,*
*Que ás vezes, a rujir, estoira pela rua...*

*Nas rudes convulsões, é brazeada e quente*
*Como um leão ensanguentado á luz da lua,*
*Que ao ver a propria sombra a rastejar á frente,*
*Avança para ela, escava e não recua.*

*Mas triste multidão, ô multidão descalça,*
*Aos teus gritos de fome atiram com metralha*
*E adormeces ao som da caridade falsa...*

*E's no fundo dos tempos a ralé esquecida,*
*E nem sabes, talvez, ó cega e vil canalha,*
*Como é maior ainda, o teu direito á vida!...*

MIRANDA SANTOS.

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis 19 20 21 22 23 24 25 26

bom pão e bom vinho, Jorje partiu para vinha:

— Vinha, que queres que eu faça?

— Jorje, que tens na cabaça?

— Uma pinga que é duma cana.

— Trabalha, safardana.

E a respeito de comida?

— Pão de trigo, no alforje.

— Pois então trabalha, Jorje.

A' noite, quando Jorje voltou, perguntou-lhe o lavradôr:

— Empaste hoje muito, rapaz?

— Deixei tudo prónto, meu amo.

Daí em diante, deram-lhe sempre bom pão e bom vinho e ele fez sempre bom trabalho.

---

Tratando de uma das formas da sabotajem: — go-canny (a má paga, mau ou pouco trabalho), este conto deveria antes intitular-se — «O primeiro sabotador». Preferimos no entanto conservar-lhe o titulo do orijinal. — *(N. do T.)*

# Pájinas alheias

*A sentença que condena á morte os Vaillants é impotente para suprimir ou sequer assustar o anarquismo.*

. . . . . .

*Está demonstrado, é pela propria policia, que, desde as primeiras repressões, o numero de anarquistas tem crescido na proporção de* um *para* mil.

. . . . . .

*A guilhotina decepa uma cabeça, mas não atinje a ideia que dentro residia. Durante um momento, de certo, á força de* buscas, *de prisões, que são o acompanhamento usual da sentença, a seita fica desorganisada, desconjuntada; — mas para imediatamente se organisar além, mais numerosa, mais fanatisada, por isso que vem de padecer uma perseguição. Tais sentenças não teem senão o efeito desastroso de criar martires. Ora não ha* semente *mais fecunda que uma gota de sangue de martir, sobretudo quanto cae num solo tão preparado* para *que ela frutifique, como é a alma especial dos humanitarios que chegaram á exacerbação do humanitarismo, não por teoria, mas atravez de realidades dolorosas e de uma esperiencia constante das miserias servis.*

*Pense-se o que será (quando um Vaillant é guilhotinado) uma reunião secreta de anarquistas, dos verdadeiros, dos puros, d'esses milhares de operarios de coração generoso e exaltado, para quem o anarquismo é a verdadeira redenção da humanidade, e que admiram no homem que se sacrificou por essa ideia santa, um martir do amor dos homens.*

. . . . . .

*E quando a sociedade mata os anarquistas — é a sociedade que fabrica as bombas.*

. . . . . .

*No antigo rejime o proletario, mantido em servidão dentro de uma organisação social muito forte, colocára a sua esperança de felicidade, não já nesta vida que ele via irremediavelmente votada á pena, mas na outra vida, para além da campa, como lh'o recomendava a Igreja, sua mãe e sua educadora, dando-lhe como garantia a promessa de Jesus que reservava para os pobres o reino do céo.*

*Neste nosso seculo porém o proletario, doutrinado pela classe média que se tornára desde 1789, em substituição á Igreja, a sua nova educadora, começou a acreditar que sendo homem e tendo portanto todos os direitos de homem, poderia realisar a sua felicidade ainda em vida, neste mundo, e sob a garantia de leis. Para isso, segundo lhe afirmava a classe média, bastada que ele demolisse o velho edificio social, a monarquia e as instituições monarquicas, que constituiam o unico obstaculo á «felicidade das massas». O proletario, convencido, saiu em tamancos do seus velhos covis, e começou a destruir Fes tres revoluções, ergueu barricadas inumeraveis, ezilou reis, incendiou castêlos, aboliu previlejios — e pediu em gritos, e com as armas na mão, todas as reformas e liberdades politicas que a classe média lhe indicava ao ouvido e que deveriam realisar essa felicidade terrestre tão largamente anunciada. Emfim ao cabo de setenta anos de lutas, o povo, tendo arrazado o velho edificio da monarquia, construiu o novo edificio da republica, cheio dos confortos e invenções novas da civilisação politica, a liberdade de reunião, de associação, de imprensa, e todas as outras, entre as quais, bem agasalhado e bem provido, senhor seu, ele começaria emfim a conhecer a ventura de viver. Assim soberbamente instalado, esperou. Os anos passaram. A felicidade anunciada não veio. Apezar de todos aqueles confortos politicos (liberdade disto, liberdade d'aquilo) continuava, como no antigo edificio feudal, a ter fome e a ter frio. Quando chegava a neve, o direito de voto não o aquecia; á hora de jantar, a liberdade de imprensa não lhe punha carne na panela vazia. Pelo contrario, reconheceu que, apezar do nome de «soberano» que lhe tinham dado, continuava na realidade a ser servo — e que o seu novo amo, o burguez capitalista era muito mais ezijente e duro que o antigo amo que ele guilhotinára — o fidalgo perdulario. Todas as suas barricadas, pois, e todas as suas revoluções tinham sido feitas em proveito da classe média, que lhe metera as armas na mão, o impelira ao assalto do velho rejime! O seu sangrento esforço só servira para entregar o poder á classe média, que se aproveitava desse poder, não para dar ao proletario dentro do novo rejime a sua lejitima parte e bem-estar, mas lhe esplorar o trabalho como lhe esplorava a colera, e fazê-lo esfalfar para o seu enriquecimento material, como o fizera cambater para o seu engrandecimento politico!*

*Uma outra parte, porém, do proletariado, a mais inculta ou a mais violenta, ou simplesmente a mais naturalista, concebeu uma outra ideia, e estranha. Para essa, a revolução economica prégada pelo socialismo e concebida ainda dentro de um fonesto espirito juridico é ineficaz, quasi pueril, porque não atinje o mal! Associações,* trade-unions, *barateamento do capital, seguros de velhice, reclamações para o dominio social dos serviços coletivos, regularisação da concorrencia, etc., etc., todas essas reformas revolucionarias, tentadas pelo socialismo são tijelas dagua morna, deitadas sobre uma gangrena. São ainda subterfujios traiçoeiros do horrendo burguez. O mal, o verdadeiro mal, que é necessario estirpar é a propria ideia de direito, de lei, de autoridade, do Estado.*

*O homem nasceu livre como nasceu bom, e proprio para ser feliz: e todavia por toda a parte está escravisado, e pena sobre essa escravidão. Mas quem o escravisa, quem o faz penar? A sociedade com toda a sorte de peias, de estorvos que se opõem á livre espanção da natureza humana, que é fundamentalmente e inatamente boa, e que não poderia nunca ser senão um radiante progresso do homem no sentido do bem.*

**Eça de Queiroz.**

---

● Conservae em tudo a independencia do vosso espirito. Sêde respeitosos para com os vossos mestres e com os autores dos vossos livros de ensino, mas não jureis nunca sobre a palavra do escritor nem do mestre.

Deveis lêr uns e ouvir outros, ezaminando se as ideias que espoem são conformes com o vosso pensamento e com a vossa consciencia. Se não o são, deveis combate-las; se o são, deveis respeita-las. E não vos espante encontrar-vos sós na vossa opinião; em todas as grandes epocas da historia um homem só, tem tido razão contra toda a humanidade — *Pi y Margall.*

● A liberdade conquista-se com o fio do machado; não se pede. Mendigar direitos é proprio de cobardes, incapazes de ezerce-los.

Não trabalhamos para nós nem para a presente geração; move-nos o triunfo do direito para todas as gerações que se sucederem, e não cremos que, por uma hora de vaidade ou de egoismo, se deva comprometer a felicidade de muitos seculos. — *Antonio Maceo.*

# NEO-MALTUSIANISMO

## I

As afirmações de Maltus — Consequencias do escesso de população — Como evitar o perigo futuro.

Segundo Maltus, o numero de habitantes do nosso planeta cresce e cresce com uma rapidez consideravel ao passo que o aumento de produção das subsistencias se faz de maneira muito mais lenta.

Pode avaliar-se bem da rapidez com que a população do mundo aumenta pela apreciação dos numeros que seguem.

Assim, sendo em 1810 apenas de 600 a 700 milhões o numero de criaturas humanas, este numero elevou-se em 1900 a 1500-1600 milhões; isto e, a população do globo elevou-se a mais do dobro num periodo de 90 anos.

Sendo assim, continuando o numero de bocas a crescer por esta fórma e não havendo simultaneamente um aumento proporcional na produção daquilo que é essencial para viver, decerto que não caminhamos para um porvir desejavel.

Admitindo por hipotese que na atualidade se produz em quantidade suficiente para prover ás necessidades de todos, as afirmaçõis de Maltus levam-nos a concluir que a pouco e pouco se ha-de ir verificando um desiquilibrio crescente entre o comer que as bocas reclamam para se saciarem convenientemente e o comer que a terra pouco generosa produza para os seus habitantes humanos.

E' a fome! O espetro sinistro da fome que se nos apresenta num futuro talvez não muito distante.

E que acontecerá então? O que acontecerá quando os alimentos não chegarem para todos? quando o bando dos parias, dos esfomeados, bando constantemente acrescido, fôr muito grande, constituir, por ezemplo, um quarto ou um terço da população do mundo?

Não sabemos, nem podemos saber o que se passará no futuro; mas talvez que as vitimas da fome se vão lançando, cada vez em maior numero, no roubo e no assassinato; talvez que os mais resistentes desses famintos, aqueles que não caiam de inanição se reunam em quadrilhas de salteadores para melhor roubarem e melhor resistirem ás armas dos bem jantados; possivel é tambem que essas quadrilhas, quando não se retalhem umas ás outras disputando-se o fruto de um bom roubo, se reunam em verdadeiros ezercitos, ezercitos que se lancem em combates furiosos contra as tropas dos mais felizes, dos mais afortunados.

E' a fome e é a guerra! E estas gnerras desesperadas aliadas á prostração e ao definhamento que se irá acentuando nos nossos vindouros, prepararão ótimo terreno para se desenvolverem as grandes epidemias.

E' a fome, a guerra e a peste! Trez irmãs inseparaveis! Qualquer d'elas traz as outras duas para se reunirem em diabolico festim.

As afirmações de Maltus, embora não colassem no animo de todos os pensadores, levaram no entanto muitos deles a pensar na futura calamidade que tão horrenda se lhes desenhava na imajinação.

Será essa calamidade inevitavel?

Não poderá o perigo ser conjurado pela estensificação e intensificação da agricultura; pela generalisação dos progressos mecanicos e cientificos nas culturas e nas industrias?

E não será possivel evítar o crescer constante da população do globo?

A possibilidade de dar resolução ao grave problema é geralmente admitida por todos; mesmo sem ser necessaria a intervenção das tres irmãs hediondas, foices encarregadas de elíminar os individuos em escesso cá no mundo, é relativamente facil o estabelecimento de um equilibrio constante entre a produção e o consumo; e, estabelecido este equilibrio, desaparece todo o perigo previsto.

De duas maneiras se pode conseguir o equilibrio referido: ou se faz aumentar a produção ou se evita que a população continue a crescer de mais.

O primeiro processo não é praticavel no estado atual das sociedades dada a monopolisação de todos os meios de produção por uma minoria de grandes esploradores.

O segundo processo que consiste em evitar o escesso de nascimentos, é sem duvida muito mais viavel e ezequivel que o primeiro. De facto a limitação do numero de nascimentos é praticavel mesmo na atualidade, e a ezecução deste processo depende simplesmente da vontade de cada um e não de uma vontade colétiva.

No procimo numero trataremos da limitação dos nascimentos.

**Gaspar Santos.**
(Estudante de medicina)

---

**Prevenimos os nossos assinantes da provincia de que enviamos nesta data para o correio os recibos das suas assinaturas.**

**Aos nossos ajentes da provincia pedimos que liquidem até ao dia 7 as suas contas relativas aos numeros já publicados devendo-nos remeter as sobras com indicação do nome de quem as remete e a localidade de onde são enviadas.**

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis

# * PELO MUNDO DA ARTE *

## MÚSICA

### Impressões do último concerto da Osquestra Sinfónica.

Quando, ainda ha dias, em um concerto do teatro da Republica, a plateia se ajitava delirantemente, numa esterioresisação ezajerada de aplausos a uma rapsodia de motivos portuguêses, eu estremecia igualmente, desalentado perante aquela inconsciencia atrevida d'um publico que dogmatisou a *Viuva Alegre* e o *Sonho de Valsa*.

Precisamente depois da ezecução do retalho musical que mencionei, ia ser ouvida a soberba abertura dos Mestres Cantores, Wagner. A estraordinaria partitura do revolucionario de Beyrouth, sacudiu a minha imajinação fazendo-a evocar o assunto que inspirou o autor do anel de Nibelungen. Diante do meu espirito passou então a figura curiosa e estranha de Hans Sachs, o poeta popular alemão que tão bem soube viver do influcso popular, que verteu, nos seus versos cheios de simples, vigorosidade. Levantou-se ante meus olhos a grandeza artistica de Alberto Durer, o vernaculo gravador germanico, cuja inspiração larga era insaciavel na pintura das situações tetricas. E vi melhor, quiçá, essa insubmissão de Ricardo Wagner, sempre pronto a escalpelisar o rotinismo em todos os seus aspetos dissolventes. A', proporção que a harmonia wagnerista escorria pela sala, surjia cada vez mais corporisada na minha mente, esse dominio inevitavel da arte desartificiosa a quem a verdade subjuga, despedaçando a disciplina amaneirada e postiça!

Tenho a certeza de que entre aquelas centenas de ouvintes dos concertos sinfonicos, não se arrebanharia meia duzia (vá o ezajero) que podesse ter a nitida ideia da intenção do mestre alemão, que soube tão genialmente nos *Mestres Cantores* descelular do ridiculo d'esses torneios de bardos da edade media, a espontaneidade artistica em toda a sua indómita bravura e beleza.

Ninguem viu atravessar a orquestra a alma rude do poeta sapateiro, orgulho da literatura, que, no sentir de alguns criticos, inspirou por vezes Goethe.

Houve, acaso, alguem que, ao ouvir a opera, divisasse essa curiosa aliança entre o grotesco da escola dos trovadores, enchendo a nave da egreja de Santa Catarina de Nuremberg e o batismo pastoril do hino á primavera, que o cantor de raça desprende dos seus labios varonis? Certamente que não. Nem poderia ser. — Depois da *Margarida vai á fonte...* só o *déluje*, como alguem disse ao apreciar o autor da sinfonia pastoral!

**N. de B.**

## TEATRO

**A Tomada de Berg-op-Zoom,** — *4 atos de Sacha Guitry, tradução de Antré Brun.*

**Auto... aqui!,** — *revista em 1 prologo e 3 quadros, de Eu, Tu e Ele, musica de Alves Coelho.*

O *Teatro da Republica*, seguindo e animando o preconceito do Carnaval — o que não é contrario ao seu comercio — costuma todos os anos organizar um espetaculo carnavalesco, em que, a pretesto de que se atravessa umo epoca de folia, de despreocupação, se representam umas peças (?) que só servem para justificar aqueles que condenam o Carnaval e tudo o que se lhe aprocima e que classificam, com verdade, esses três dias, de tristes, sensaborões, e em que a miseria humana — a miseria economica, intelectual e moral — se ostenta e faz gala da sua baixeza.

*A Tomada de Berg-op-Zoom* é uma indecencia, uma grosseira imoralidade, sem outra preocupação que não seja esplorar o gosto pela pornografia e que fica mal a quem a traduz, a põe em cena e a representa.

Os dois primeiros atos ainda se toleram, embora o disparate psiquico e moral dos personajens se saliente já. O 3.º ato, resume-se numa pretenciosa cena espirituosa de captação amorosa, ou antes meramente sensual; é precipitada, sem graduação e não prepara suficientemente o seu final, não justifica devidamente a conduta dos personajens que nela interveem. O 4.º ato atinje o auje da inverosimilhança e descamba numa dissolvente estupidez, de parelhas com uma ignorancia ou erro crasso da psicolojia humana. Simplesmente nojento.

Quanto ao desempenho nada ha a dizer em desabono. No *Republica* ha um conjunto de artistas,— mesmo o de merito secundario — que teem a arte necessaria para só rarissimas vezes irem mal nos seus papeis e estão trenados de tal modo que se nos apresentam sempre á vontade, senhores do que interpretam.

Mas, se neste ponto de vista nada temos a censurar, cumpre-nos no entanto formular a seguinte pergunta: Quando será que o artista dramatico — perfeitamente dignificado da sua missão educativa — se imporá aos emprezarios de modo a não se deixar aviltar, desempenhando papeis grosseiramente imorais, indignos, abaixo da sua individualidade artistica e moral, servindo de fator inconsciente do achincalhamento do Teatro?!

Revolta ver atores / como Chaby, Henrique Alves, Carlos de Oliveira e atrizes como Emilia de Oliveira, Jesuina Saraiva, Judite Melo — só para citar os principais interpretes — prestarem-se a desempenhar, a contribuir para uma tal imundicie que tem o nome de *Tomada de Berg op-Zoom!* Que pena!...

*

Quanto á revista... até no *Republica* temos as infames revistas — a principal causa da decadencia da arte dramatica entre nós — quanto á revista, diziamos nós, repugna nos falar dela e o mesmo sentimento de revolta que tivemos ao vêr os artistas desse teatro se prestarem a entrar na *Tomada de Berg-op-Zoom*, foi o que esperimentamos ao vê-los numa... coisa a que se lhe deu o nome de revista, fazendo rabulas e cantando e dançando em piruetas de palhaços.

**Adolfo Lima.**

## PINTURA

### Esposição de paisajens Armando Lucena

Com a má vizinhança de fatos e rimas de fazenda por que os visitantes teem de passar antes de chegarem á esposição (e que nem sempre deixam de ver mesmo depois de ali estarem) espoz Armando Lucena os seus 27 quadros a oleo numa alfaiataria do Chiado.

Quando se olham pela primeira vez as suas telas fica-se um pouco surpreendido, chocado com as côres escolhidas e com os efeitos de luz. Mesmo quem conheça as rejiões que ele nos pinta — Beira e Alemtejo — nota, a principio, qualquer coisa estranha, qualquer coisa que não se pode definir.

Mas, pouco depois, a vista habitua-se; e fica-se então preso dos seus quadros, com a alma enevoada, com uma grande melancolia...

*Crepusculo, Poente, Ar de chuva, O vento, Dia de sombra,* todos eles enterpretam admiravelmente a tristesa das coisas, o misterio de que a natuesa se reveste a certas horas e em certos dias outonais... Na tela *Ar de chuva* sente-se a humidade.

No *Crepusculo* e no *Poente* ha toda a tranquilidade e todo o silencio desses momentos em tardes quietas... As sombras veem já rastejando por entre as arvores, a apagar contornos, a diluir as linhas... Por sobre as ramarias, com diferença de intensidade nas duas telas (visto a hora não ser ezátamente a mesma) uma poeira doiro...

A tela maior — *Os suinos* — desgostou-me pelo escessivo avermelhado do suino que está no primeiro plano e de mais um outro. Não ha duvida que se encontram neles reflecsos vermelhos. Mas Armando Lucena ezajerou. E não ha na tela luz nenhuma que justifique esse ezajero.

A' parte isto, e certas hesitações, a esposição impressiona.

Pressente-se o talento, a faisca que mais tarde deve aparecer desembaraçada, livre, com todo o brilho.

E' pena que Armando Lucena nos fira sempre a mesma nota. E' sempre a tristeza. Tudo sombrio, misterioso, lugubre...

Mesmo na *Eira da Beira*, onde o amarelo predomina, é ainda a tristeza que se palpa, a tristeza que vem da luz destribuida e do anil sujo com tons violaceos da montanha que limita o horisonte...

**Sobral de Campos.**

EM FRANÇA

## Um julgamento sensassional

**Duas interessantes crónicas de Luis Bonafoux, no «Heraldo» de Madrid: «Bandidos pensadores» e «O banditismo e a justiça».**

Tem despertado o maior interesse o julgamento que em França se está efetuando dos companheiros de Bonot.

A raiva dos ajentes policiais dementou-os a ponto de arrastarem ao banco dos reus homens absolutamente inocentes como por ezemplo Gauzy, negociante de Petitivry, o qual abrigou Bonot sem saber de quem se tratava.

Para salvar este inocente da colera cega e vingativa da policia, faz-se em França a mais viva campanha, na qual tomam parte alguns homens iminentes do meio intelectual. Esta campanha abranje tambêm todos os que se limitaram a ezercer o direito de azilo.

No decurso do julgamento tem havido pormenores impressionantes: a amante de Garnier descreve a vida que levou até ao momento de lhe matarem o companheiro, escapando ela á morte por acaso. Levavam uma atribuladissima vida de animais, em constante sobresalto. Altas horas da noite interrompiam o sono para mudar de azilo e muitas vezes deixaram as refeições em meio para poderem fujir á policia.

Justifica nesta palavra sinjela toda a sua comovedora dedicação: — «amava-o!»

A um outro acusado foi encontrado um «diario» onde descreve a sua vida, revelando-se ao mesmo tempo um filosofo e observador profundo.

Aí atribue á miseria que o flajelou no principio da vida, o ter-se lançado no crime.

O cintilante cronista de Paris para o *Heraldo* de Madrid, Luiz Bonafoux, constatando que os reus lonje de serem iletrados teem muitos conhecimentos, leem livros cientificos e literarios, chama-os *bandidos pensadores*. E numa crónica submetida a

cm 1 2 3 4 5 6 7 8 unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis 19 20 21 22 23 24 25 26

este titulo reproduz o que Carouy, um dos acusados, declarou no tribunal:

«... Eu queria trabalhar para comprar uma horta e viver dos productos da terra.

Amo a Natureza e se por duas vezes não tivesse que esconder-me, ha muito tempo que teria ido, juntamente com alguns companheiros, ao campo, viver da terra livremente, ainda que, ás vezes, trabalhando mais que em uma oficina; mas, ao menos, não teria amo que ameaçasse com tirar-me o pão toda a vez que eu cometesse alguma falta. Eu prefereria a morte á perspetiva de trabalhar toda a minha vida em uma fabrica. A oficina e a fabrica são para mim uma prisão.

A sineta que chama ao romper do dia é para mim um sofrimento! O ar arrogante dos patrões, revolta-me!»

Ainda do mesmo apreciado correspondente do *Heraldo* de Madrid em Paris, Luis Bonafoux, é a seguinte crónica intitulada *O banditismo e a justiça* que recortamos daquele importante diario:

«O que se depreende do processo dos «bandidos automobilistas» — a juizo de qualquer observador imparcial — é que a entidade Sociedade, aterrada ainda pelas aventuras do bando trajico, lhe concedeu belijerancia, e que este odio social, fomentado em grande parte pelo medo, tende a invadir tambem a esfera da Justiça. A sociedade não devia, contudo, proceder com o mesmo odio e rancôr que quer castigar nos chamados escursionistas da Morte, e a Justiça, em caso nenhum deve deixar-se influenciar pelos gritos da rua.

Esses gritos são de uma ferocidade inquisitorial. Um dos masis lidos periodicos, clama:

-- As suas belas teorias justificativas da abominavel conduta que mantinham, as suas belas frases floreadas, a pobre ciencia de que tanto se ufanam, parecem, aos juizes, odiosas e ridiculas. Julgavam êles que iam ser admirados e só desprezos recebem. Aos seus odios, ás suas revoltas, a justiça da Sociedade apressa-se a responder impiedosamente. Por detraz dos juizes, impassiveis e desdenhosos, os olhos, convulsos, desses malfeitores vislumbram a guilhotina, a estender-lhes os braços. Aprocima-se o castigo!»

Já se fala correntemente em guilhotina-los. E ouvem-se gracejos.

— A majistratura — adverte outro periodico — tem ás vezes ideias engraçadas. Escolheu a semana da Quaresma, para o julgamento dos bandidos. Só serão condenados á morte depois de quarta feira de cinzas; mas talvez os guilhotinem no dia da *Mi-Carême*.

Não ha o direito de proferir palavras destas. Ninguem tem o direito de espressar-se assim, demais a mais não havendo provas contra a maior parte dos processados. Isso é compartilhar o odio de Garnier, o mais vingativo e feroz do bando trájico. Isso não é proceder como juiz, que analisa e fala friamente, mas como bandido que resolveu matar. Isso, emfim, é desejar a morte do inimigo, por aquela razão de que morto o bicho, morreu a peçonha.

Contudo... depois de estes não virão outros?... Cortando-se vinte cabeças — admitido o absurdo de se realisar semelhante hecatombe — resolve-se a questão, isto é, o que o bando trájico entranha de odio revolucionario e de bandoleirismo social, de odio revolucionario numa sociedade que tem uma revolução por fazer, de bandoleirismo social num ambiente minado pelo apachismo? Ravachol não foi precursor de Bonnot? Laboeuf não o foi de Garnier?

Paris engana-se; o seu vociferar, contra os processados é, porém compreensivel. De juristas e remediados se compõe a sociedade francêsa. Quem a perturbar atrairá sobre si a colera dessa mesma sociedade. Por isso ela castiga com tanta inezorabilidade o roubo, ainda que só de um pãosinho. E o roubo acompanhado de assássinato fá-la arripiar.

Faria mal a majistratura deixando-se arrastar por sangrentas escitações de jornalistas vulgares e ignaros, que parecem invejosos da cultura e da enerjia de alguns processados.

Até o seu aspeto fisico os ofende e molesta! Parecem-lhes rebuscados, raros, nada interessantes, embora as mulheres os olhem com ternura. — Sem duvida. A cabeça da moda é de cabeleireiro; o traje, de caixeiro; as maneiras, de *cursi*. Se os sublimes forajidos da Revolução francesa — uns, com carões atormentados á Danton; outros com semblantes ameninados á Saint-Just — dessem uma volta pela Camara e pelos periódicos, guilhotinavam-se a si proprios com asco de verem tanta fisionomia ordinaria e tanto caráter servil.

# Varias noticias

● Promovido pelo grupo libertario *Novo Mundo*, de acordo com a Federação Anarquista, realiza-se no procimo domingo nas terras de Val Pereiro, pelas 14 horas, um comicio de protesto contra a intervenção dos Estados Unidos na revolução social mexicana.

● O grupo *A'ção Direta* convida todos os anarquistas de Lisboa, a comparecerem, no procimo domingo, pelas 15 horas, na séde da *Crecherie*, afim de nessa reunião o sr. Amadeu Gonçalves espor minuciosamente as acusações que tem feito a alguns membros daquele grupo, acusações essas que dizem tambêm respeito á Escola.

● O *Nucleo de Instrução «Lux»* de ensino aos que trabalham, continua mantendo aulas de 1.as letras, 1.º grau, Francez, Inglez, Escrituração Comercial e Taquigrafia as quais são frequentadas por uma população escolar por tal forma numerosa que a sua Direção está pensando em, dentro dos limites das suas posses, alargar as suas instalações e na futura epoca escolar, remodelar por completo os seus metodos de ensino por forma a dar o mais amplo desenvolvimento ás aulas de 1.as letras e instrução primaria.

A séde desta prestimosa agremiação é na rua Saraiva de Carvalho, 101.

# De tudo um pouco

## Curiosidades

O professor Voiz, etnografo conhecido pelos seus estudos sobre certas povoações selvajens, certifica que os homens mais primitivos que ezistem atualmente são os Coubons, selvajens do sul de Sumatra.

Os Coubons vivem errantes nas florestas virjens, onde, como os animais, procuram vejetais para comer. Á noite abrigam-se em tocas ou debaixo da folhajem.

Não têm animais domesticos, nem cães, nem rebanhos e não se servem de utensilio algum. Todas as suas ocupações consistem em procurar que comer. Andam em pequenos grupos porque não estão reunidos em tribus; e nem mesmo conhecem a instituição da familia. Quando um deles morre, os outros deixam-o no caminho sem se preocúparem com isso.

Entre eles tambem se não encontra nenhum vestijio de relijião.

## Fabulas e parabolas

*O culpado* — Passou um homem e o povo gritou contra ele: era o verdugo.

Passou outro homem e o povo descobriu-se respeitosamente: era o juiz.

— Porque me desprezas? — perguntou o verdugo.

— Porque matas — respondeu o povo

E o verdugo retorquiu:

— Eu ezecuto uma sentença do juiz. E', pois, a ele que deveis desprezar, é contra ele que deveis dirijir os vossos protestos.

Mas o juiz objétou:

— Se não houvesse leis que ordenassem eu não ditaria sentença, portanto, a lei é que deveis desprezar.

Então a lei disse:

— Se vós não me tivesseis feito eu não ezistiria; não vos encolerizeis contra mim, acusae antes vós proprios que me haveis dado vida.

E o povo retirou-se muito calado, pensando que, no final de contas, ele era o unico culpado, porque o verdugo era um instrumento do juiz; o juiz um instrumento da lei, e a lei um produto do povo.

*O burro e o amo* — (Um aproposito da *patria* e do *estranjeiro*.)

Certo dia um burro pastava num prado, quando o seu dono aprocimando-se, precipitadamente lhe gritou:—Corre, corre, por Deus foje!

— Porquê hei-de fujir? perguntou-lhe o burro.

— Oh! — esclamou o amo — não ouves que se aprocima o inimigo? Foje burro, foje!

O burro insistiu: —Mas, diz-me patrão, o inimigo ao encontrar-me aqui, matar-me-ia?

— Isso creio que não, porque a tua vida será util tambem a êle.

— E haverá perigo — acrescentou o burro — de que me carregue com quatro ceirões?...

— Isso não é possivel porque nas tuas costas só cabem dois, que é a tua carga do costume.

— Então, concluiu o burro, foje tu se queres, visto que a minha condição de besta de carga não póde mudar. Eu não me mexo d'aqui... e continuou tranquilamente pastando.

## Nota alegre

A professora:

— Se o cordeirinho se tivesse deixado estar no corral, se tivesse obedecido aos pais, não teria sido devorado pelos lobos, não é verdade?

Um pequenito:

— Não, senhora. A gente é que o comeria.

—

Um conhecido ateu, ao sentir que se aprocimava a hora da morte pediu que lhe fossem chamar um padre e um escrivão.

Grande alegria causou entre as beatas e entre os amigos do moribundo que lhe ambicionavam a riquesa, e o escrivão e o padre acudiram pressorosos.

O muribundo mandou-os colocar á sua cabeceira, um de cada lado, e diz com voz apagada:

—Não me quero confessar nem fazer testamento... mas quero morrer como bom cristão, como o proprio Christo: entre dois ladrões.

# A propaganda

## Conferencias

*No domingo:*

O camarada Manuel Ribeiro que não pôde realizar no domingo passado, por motivo de doença, a sua anunciada conferencia sobre o têma *As Juventudes Sindicalistas*, efétuá-la-á no domingo prócimo á mesma hora.

# ESPEDIENTE

**A todas as pessoas e colétividades a quem enviamos o nosso semanario e que não queiram auciliar-nos com a sua assinatura, esperamos que nó-lo devolvam, com a respétiva cinta, antes da publicação do número seguinte, de contrário considera-las-emos como nossas assinantes.**

Para a publicação do semanario anarquista *Terra Livre* é levantado, entre os que professam ou simpatizam com as doutrinas que êle propaga, um emprestimo de 250$000 réis dividido em 500 titulos de 500 réis cada um, reembolsaveis em livros e publicações diversas.

O portador de titulos de emprestimo ficará, *ipso facto*, fazendo parte do grupo editor de *Terra Livre*.

A posse de titulo não só não ezime do pagamento de assinatura do jornal como não confere o direito de interferencia direta nos negocios administrativos ou em assuntos de redação, os quais estão sob a responsabilidade dos organisadores do grupo editor.

Os camaradas a cargo de quem estão a redação e administração do jornal obrigam-se a publicar um balancete mensal e a patentear os livros de escrita a todos os membros do grupo editor, todas as vezes que lhes aprouver ezamina-los.

Diante do que fica esposto esperamos que os camaradas venham á nossa administração Rua das Gaveas, 55, 1.º, a subscrever as ações que aqui se acham á sua disposição. Aqueles que não poderem vir aos nossos escritorios queiram remeter por carta o nome e a morada, declarando o numero de ações que desejam, que, imediatamente, o nosso cobrador irá procura-los.

Do mesmo processo se podem servir os camaradas da provincia enviando nos, juntamente com os pedídos, a importancia respétiva sem o que os não podemos satisfazer.

## Condições d'assinatura

(Pagamento rigorosamente adiantado)

Para Portugal, Espanha, ilhas e colonias portuguezas

INCLUINDO O IMPORTE DO CORREIO

| | |
|---|---|
| 1 mêz (só para o conttnente) | 100 rs. |
| 3 mêses | 300 » |
| 6 mêses | 500 » |
| 1 ano | 1$000 » |
| **Numero avulso** | 20 » |
| Pacote de 50 ezemplares (fora o porte do correio) | 500 » |

Para o Brazil (moeda fraca)

INCLUINDO O IMPORTE DO CORREIO

| | |
|---|---|
| 6 mêses | 2$400 » |
| 1 ano | 4$800 » |
| **Numero avulso** | 100 » |
| Pacote de 50 ezemplares | 2$500 » |

Extérieur

| | |
|---|---|
| Trois mois | 2,50 fr. |
| Six mois | 5 » |
| Um an | 10 » |
| Prix du numéro | 0,25 » |

Não se satisfazem pedidos de assinaturas que não venham acompanhados da respetiva importancia em *ordem postal* ou estampilhas continentais. Quando a cobrança tiver que ser feita pelo correio acresce a despeza correspondente.

unesp Cedap Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa Faculdade de Ciências e Letras de Assis